



Prova de Bolsa 2025 – Questões objetivas

Texto I: Ensaio sobre o (anti) “Natal” de José Saramago

Marcelo Pacheco Soares

- 1 No documentário de longa-metragem *José e Pilar*, dirigido por Miguel Gonçalves Mendes e lançado em 2010 (muito próximo, portanto, ao falecimento de José Saramago), em que se acompanha a rotina de poucos anos antes do escritor e Pilar del Río – sua incansável e dedicada companheira até àqueles tempos de fim de vida – destacamos um episódio pertinente à discussão que iremos aqui introduzir. Pela altura aproximada do minuto 40 ou 41 da película, registra-se o momento em que, no México (lugar com que sempre manteve ligações muito estreitas), em entrevista para uma emissora de televisão do país, é solicitado ao autor que grave uma mensagem de festas de fim de ano aos telespectadores. Talvez desconcertado (no limite do desconcerto que seria possível provocar em Saramago), ele invoca Pilar, perguntando o que dizer. Fora do enquadramento, ouvimos sua feminina voz sugerir, com certo pragmatismo que afinal a situação exigia, *banalidades da ocasião* ou *falas de circunstância* ou *lugares-comuns da época natalícia* (como veremos, em texto a ser citado logo à frente, o próprio Saramago definir mensagens dessa natureza), isto é, alguma sentença corrente como, por exemplo, *todos os dias deveriam ser Natal* – ao que o escritor retruca, com um mau humor provocativo que se traduz em talvez inadvertida graça e uma retribuição com folgas do desconforto a que estivera submetido: “Mas tenho ódio ao Natal. Como posso dizer isso?”
- 2 Não se trata, é claro, de encarar o premiado autor como uma espécie de Grinch e essa sua assertiva deve ser compreendida de modo contextual, a partir da fundamentação ideológica que a rege. Uma crônica publicada em jornal por volta de 1970 pode trazer alguma elucidação. Em “Natalmente crônica”, recolhida depois no volume *A bagagem do viajante*, o autor garante não desejar que *se agravem as amarguras do leitor* – o qual *também teria vida dura e difícil* – pedindo por isso até retóricas escusas, o que o afasta da personagem de Seuss que deseja destruir o Natal de todos. Reconhecendo assim que a *acidez* de suas palavras confessadamente desprovidas de *bons humores* corroeria o clima festivo geral (*não creio que escapasse uma flor a tanta segura*, diz), Saramago vincula sua má disposição com uma das datas mais caras ao cristianismo à sua condição de *incrêu empedernido* – ao seu ateísmo declarado, portanto. O dado, contudo, embora factual, não se basta e serve apenas como alegação inicial: no curto espaço a que dedica sua contraposição ao Natal, ele destaca ainda a força manipulativa das instituições eclesiais (tratar-se-ia apenas de *uma das trezentas mil datas assinaladas de que se servem inteligentemente as religiões para aferventar crenças que no passar do tempo se tornariam letra morta e água chilra*) ou, de modo mais sutil, condena as diferenças entre classes sociais num capitalismo que também se regozija muito desse período sem alcançar na realidade a todos (*na enfiada de abraços há sempre os que apertam e os que são apertados; a confiança é, em muitos casos, a armadilha que a nós próprios armamos, e para ela é que os outros nos empurram, sorrindo*), críticas que terão origem nas suas convicções em valores comunistas. Citemos os parágrafos iniciais da crônica:
- 3 “Vai o ano correndo manso entre noites e dias, entre nuvens e sol, e quando mal nos precatamos, chegámos ao fim, e é natal. Para incrêus empedernidos como eu sou, o caso não tem assim tanta importância: é mais uma das trezentas mil datas assinaladas de que se servem inteligentemente as religiões para aferventar crenças que no passar do tempo se tornariam letra morta e água chilra. Mas o Natal (tal como as primeiras andorinhas, o carnaval, o começo das aulas, e outras efemérides do estilo) está sempre à coca da atenção ou da penúria do cronista, para que se repitam, pela bilionésima vez na história da imprensa, as banalidades da ocasião: a paz na terra, os homens de boa vontade, a família, o bolo-rei, a mensagem evangélica, o ramo de azevinho, o Menino Jesus nas palhinhas, etc., etc. E o cronista, que no fundo é um pobre diabo a quem às vezes falta o assunto, não resiste à conspiração sentimental da quadra, e bota a fala de circunstância.
- 4 Acontece, porém, que tenho fortes razões para não estar de bons humores, o que me permite esquivar-me desta vez, se alguma outra caí em tão ingénuo fraqueza, ao jogo cúmplice do amplexo universal. De mais sei eu que na enfiada de abraços há sempre os que apertam e os que são apertados. De mais sei eu que a confiança é, em muitos casos, a armadilha que a nós próprios armamos, e para ela é que os outros nos empurram, sorrindo. Por isso, esta crônica de Natal não vai passar do fala-falando que é a minha única voz possível quando haveria lugar para gritos. Mas o leitor também lá tem a sua vida, quem sabe se dura e difícil, e não há de aceitar que eu lhe agrave as amarguras. Desculpe o desabafo.
- 5 Se a mim mesmo proíbo falar dos lugares-comuns da época natalícia, se igualmente me proíbo trazer para o terreiro a gaiola das fúrias pessoais, e mais ainda abrir-lhes a porta – que resta para a crônica? Um mundo de coisas, se eu estivesse em disposição de escolher uma, encontrar-lhe o jeito, surpreendê-la a olhar para outro lado e caçar-lhe o perfil secreto – que é, afinal, em que se resume a arte de escrever. Mas hoje, não. Tudo quanto

dissesse teria um ressaibo ácido, não creio que escapasse uma flor a tanta secura.” (SARAMAGO, 1986, p. 119-20)

6 Com esse seu olhar, Saramago, na verdade, não é exceção ao produzir artisticamente na contramão da *conspiração sentimental* exigida pela santa época. Dado que uma das recorrentes funções da Literatura (como, aliás, da Arte em geral) é a de encarar a realidade sob prisma diferente do usual (inclusive o antes imposto por outras literaturas e artes) – e há às ordens, pois, *um mundo de coisas*, se houver *disposição de escolher uma, encontrar-lhe o jeito, surpreendê-la a olhar para outro lado e caçar-lhe o perfil secreto* – oferecem-se com frequência textos sobre o Natal que *se esquivam do jogo cúmplice do amplexo universal*, sobretudo a partir do século XX. Nem tudo, afinal, na literatura natalina é Charles Dickens, cujas produções oitocentistas parecem inaugurar uma tradição de narrativas baseadas na transformação positiva dos males sociais e dos valores materialistas dos homens fomentada pelo evento anual, que se traduz em solidariedade das classes médias e ricas em relação aos pobres – e nem tudo o é porque essa específica produção dickensiana, com o tempo, ganhará contraposições diversas, em movimento mais comum, conforme dizíamos, no século que lhe é subsequente.

SOARES, Marcelo Pacheco. Ensaio sobre o (anti) “natal” de José Saramago. In: *Metamorfoses*. Rio de Janeiro, vol. 17, número 2, p. 217-233, 2021.

1. Considerando o sentido e as ideias presentes no texto I, julgue (C ou E) as assertivas a seguir.

I. Depreende-se da leitura do texto que a repulsa de José Saramago quanto ao Natal se deve à sua incredulidade religiosa e à relação da data com as comemorações cristãs.

E: Saramago, “**no curto espaço a que dedica sua contraposição ao Natal, ele destaca ainda a força manipulativa das instituições eclesiais**” e “**condena as diferenças entre classes sociais num capitalismo que também se regozija muito desse período**” (2º parágrafo).

II. De acordo com o texto, uma das funções da literatura e dos movimentos artísticos é elaborar uma releitura da realidade, manifestando, ou não, uma perspectiva diferente daquelas já reveladas por outros artistas ou pelas pessoas de modo geral.

C: conforme o início do sexto parágrafo.

III. Pode-se afirmar que, em “**a acidez de suas palavras confessadamente desprovidas de bons humores corroeria o clima festivo**” (2º parágrafo), foram empregadas a sinestesia e a metonímia como recursos estilísticos.

E: não há sinestesia, em razão de “**palavras**” não estabelecer referência direta com um dos sentidos, não havendo, portanto, uma mistura. Também não há metonímia no trecho, já que o que corrói o clima festivo são mesmo as palavras do autor, e não ele próprio.

IV. O questionamento feito por José Saramago, em “Natalmente crônica”, acerca dos assuntos possíveis a serem abordados no período natalino exemplifica função fática da linguagem, em razão de estabelecer uma tentativa de diálogo com o interlocutor.

E: no trecho, o autor faz uma pergunta que, logo em seguida, é respondida por ele mesmo, de modo que não se pode afirmar que há uma tentativa de estabelecimento de contato com o interlocutor.

2. Julgue (C ou E) os itens a seguir, com base nos aspectos morfológicos do texto I.

I. A palavra “**como**” apresenta classificação gramatical distinta em cada uma das seguintes ocorrências: “**Para incrédulos empedernidos como eu sou**” (3º parágrafo); “**Não se trata, é claro, de encarar o premiado autor como uma espécie de Grinch**” (2º parágrafo); “**alguma sentença corrente como, por exemplo, todos os dias deveria ser Natal**” (1º parágrafo).

E: na primeira e na terceira ocorrências, a palavra “**como**” funciona como conjunção comparativa; no segundo excerto, tem-se preposição accidental.

II. No trecho “**se igualmente me proíbo trazer para o terreiro a gaiola das fúrias pessoais, e mais ainda abri-lhes a porta – que resta para a crônica? Um mundo de coisas, se eu estivesse em disposição de escolher uma**” (5º parágrafo), as conjunções subordinativas em destaque foram empregadas, respectivamente, com sentido de causa e de condição.

C: na primeira ocorrência, como há verbo no indicativo, é possível atribuir sentido de causa à oração que a conjunção “**se**” introduz. No segundo caso, tem-se conjunção subordinativa condicional, realmente.

III. A preposição “**de**”, contida em “**em que se acompanha a rotina de poucos anos antes do escritor e Pilar del Río**” (1º parágrafo) e em “**muito próximo, portanto, ao falecimento de José Saramago**” (1º parágrafo), é relacional e introduz termos de mesma função sintática.

E: na primeira ocorrência, a preposição “**de**” é relacional e introduz complemento nominal; na segunda, a preposição é nocional e introduz adjunto adnominal, termo relacionado a substantivo abstrato e com sentido de ação.

IV. Em “e quando mal nos precatamos, chegámos ao fim, e é natal.” (3º parágrafo), o vocábulo “mal” deve ser classificado como advérbio e foi empregado com sentido de modo.

E: no excerto em que foi empregada, a palavra “mal” é advérbio com sentido de intensidade e de negação.

MAL

8 de modo pouco perceptível; pouco <discretíssimo, m. tocou no assunto> <magoada, ela m. olha para o marido>

15 de modo algum; não, jamais <m. sabia ele que tinha os dias contados>

3. Com base nos aspectos sintáticos do texto I, julgue (C ou E) as assertivas subsequentes.

I. Considerando o período “Com esse seu olhar, Saramago, na verdade, não é exceção ao produzir artisticamente na contramão da *conspiração sentimental* exigida pela santa época” (5º parágrafo); os termos “da *conspiração sentimental*” e “pela santa época”, embora se refiram a núcleos com classes gramaticais diferentes, exercem a mesma função sintática.

E: o termo “da *conspiração sentimental*” funciona como adjunto adnominal do substantivo “*contramão*”, com o qual estabelece relação de posse; por sua vez, “pela santa época” exerce função de agente da passiva em relação à locução “era exigida”, com o verbo auxiliar em elipse.

II. A fim de que se tornasse correto quanto às regras de pontuação, deveria ser inserida uma vírgula logo após o segundo travessão empregado no primeiro período do texto.

C: a referida vírgula deveria, obrigatoriamente, ser inserida, a fim de fechar a oração subordinada adjetiva explicativa “em que se acompanha a rotina de poucos anos antes do escritor e Pilar del Río – sua incansável e dedicada companheira até àqueles tempos de fim de vida –” (1º parágrafo).

III. Em “Surpreendê-la a olhar para outro lado” (5º parágrafo), a oração subordinada adverbial em destaque poderia ser reescrita como *olhando para o outro lado*, sem que houvesse alteração de seu valor semântico de modo, em relação ao verbo da oração principal a que se refere.

E: a referida oração subordinada é adverbial temporal e poderia ser desenvolvida como *quando/ enquanto olha para o outro lado*.

IV. O trecho “Se a mim mesmo proíbo falar dos lugares-comuns da época natalícia” (5º parágrafo) exemplifica tanto desvio de regência verbal quanto redundância.

C: a redundância está em “a mim mesmo”, em que a palavra “mesmo” poderia ser dispensada; o desvio de regência, por sua vez, está no fato de que o verbo “proibir” é, na acepção em que foi empregado, transitivo direto e indireto, mas admite apenas a preposição “de” para o complemento indireto, de modo que o trecho deveria ter sido escrito como “Se a mim mesmo proíbo de falar dos lugares-comuns da época natalícia”.

4. Julgue (C ou E) os itens subsequentes, com base nos aspectos linguísticos e gramaticais do texto I.

I. Os prefixos “in-” e “a-”, presentes, respectivamente, nas palavras “incrêu” e “ateísmo”, ambas contidas no segundo parágrafo, são equivalentes semanticamente.

C: tanto o prefixo “in-” quanto “a-” acrescentam às palavras que introduzem sentido de negação (aquele que não crê).

INCRÉU – substantivo masculino

lat. *incredūlus, a, um* no sentido de 'incrédulo, que não tem fé'; cp. *incrédulo*, por via erud. e *acrêu*; ver *cred-*; f.hist. sXIV *encreo*, sXIV *encreo*

ATEU – adjetivo e substantivo masculino

lat. *athēus* ou *athēos, i* (no sentido definido), adp. do gr. *átheos, os, on* no sentido de 'que não crê em Deus'; ver *te(o)-*; f.hist. 1611 *atheo*, 1671 *ateu*

II. Em “Saramago vincula sua má disposição com uma das datas mais caras ao cristianismo à sua condição de *incrêu empedernido*” (2º parágrafo), o emprego do acento grave indicativo de crase é facultativo, diferentemente do que ocorre em “sua incansável e dedicada companheira até àqueles tempos de fim de vida” (1º parágrafo), em que o referido sinal é obrigatório.

E: nas duas ocorrências, o sinal de crase é facultativo, em razão de, na primeira ocorrência, estar posposto à preposição “até” e, na segunda, anteposto ao pronome possessivo “sua”.

III. Não se pode afirmar que o mesmo mecanismo de coesão teria sido usado na reescritura do trecho “um episódio pertinente à discussão que iremos aqui introduzir.” (1º parágrafo) como *um episódio pertinente à discussão a qual iremos introduzir neste texto*.

E: a coesão dêitica foi empregada tanto no excerto do texto quanto na reescritura.

IV. As formas verbais destacadas em “Um mundo de coisas, se eu estivesse em disposição de escolher uma, **encontrar-lhe o jeito**” (5º parágrafo) e em “**não creio que escapasse uma flor a tanta secura.**” (5º parágrafo) apresentam a mesma transitividade.

E: o verbo “**encontrar**” é transitivo direto e indireto, em razão de “**lhe**” ser classificado como objeto indireto de acordo com Celso Cunha. O verbo “**escapar**”, por sua vez, é transitivo indireto apenas.

ENCONTRAR – verbo

2 *t.d.; fig.* passar a conhecer, a ter consciência de; descobrir, atinar com, inventar *«não encontrou a solução filosófica ideal» «não encontrou res posta para o enigma» «fez as contas e encontrou o número exato»*

ESCAPAR – verbo

1 *t.i.* (*prep.: a, de*) livrar-se de situação perigosa, dolorosa, humilhante, desagradável etc.; libertar-se, safar-se *«escapou ao perigo saindo pela janela» «escapou do convite constrangedor por puro acaso»*

Texto II: Sonho de Natal

José Sarney

1 O calendário marcado pelos dias gloriosos do ano e a vida cotidiana ajudam os cronistas. Como fugir dos sinos do Natal, que têm os sons das lembranças de todos os Natais, tanto quanto a nossa vida? São memórias que vão desde a infância, nas sombras cinzas das lembranças daquele interior perdido nos campos verdes do Maranhão, quando íamos à igreja louvar o nascimento do Filho de Deus, cujas sandálias João Batista dizia ser indigno de desatar, até a madurez da reza em comum com a família, lendo o Evangelho de São Marcos, que descreve o que aconteceu na manjedoura de Belém.

2 Não me recordo de Papai Noel em Pinheiro, onde nasci, nem em São Bento, onde vivi a minha infância, quando descobri as cores e meus olhos viram desde os pássaros voando em bando sobre os campos de arroz brabo até o corredor dos retratos, onde aqueles velhos barbudos e senhoras de vestidos rodados contavam a decadência da família Araújo.

3 Depois, a primeira lembrança de Papai Noel, quando ele me enganou. Minha irmã convencera-me de que ele ia trazer um cavalo e ele me deixou debaixo da rede um tambor pintado em xadrez preto, vermelho e branco e um pedaço de pau para tocá-lo, levando-me a azucrinar os ouvidos dos meus avós e fazendo-me mais feliz do que se no meu quarto estivesse o mais belo alazão.

4 Mas o Menino deitado em palha de arroz com os braços abertos e olhinhos castanhos sempre me trouxe a mensagem de ser meu amigo e irmão, filho de minha mãe e neto de minha avó, que se chamava Madona.

5 Nossos Natais eram de reza, chocolate e bolo de mandioca. Fiquei horrorizado quando, já homem, soube que existia em Ax-les-Thermes um Evangelho das Rocas que era lido por um ancião letrado "durante as longas noites de inverno entre o Natal e a Candelária; era um livro sobre sexos, casos de amor, relações entre marido e mulher, superstições". Século XV e as mulheres em volta repetiam a leitura em voz alta, com grande alegria. A Inquisição levou à fogueira muita gente desse divertimento tido como pecaminoso, embora Jesus não tenha tido tempo para tratar dessas coisas menores, entregues a César, como o dinheiro. Ele não viu pecado na carne. Foi São Paulo quem inventou estar o Diabo na saia das mulheres.

6 Fiquei com a crença de que esse velho antigo, que lia Evangelhos apócrifos e eróticos para aquelas pudicas velhas que fiavam rocas, podia ser Papai Noel.

7 Outro dia, um amigo meu quis testar minha capacidade de crer e perguntou-me se eu acreditava que os americanos iam sair do Iraque enquanto existisse ali uma gota de petróleo. Respondi que sim. "E em Papai Noel?" "mais ainda". "E o que é Papai Noel?" É um sonho de solidariedade que o homem construiu e, como diz Borges, só há uma coisa eterna, é o sonho.

Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/sonho-de-natal>

5. Com relação às ideias presentes no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

I. O autor anuncia que todos os cronistas são guiados pelo calendário e, por isso, têm o tema do Natal sempre como pauta para seus textos.

E: os cronistas têm o Natal como pauta, não exatamente por causa do calendário, mas em razão dos sentimentos que se guardam em virtude da época, conforme está evidenciado no primeiro parágrafo.

II. O emprego do conectivo “**mas**”, presente no início do quarto parágrafo, salienta que nem tudo no Natal é a figura enganosa do Papai Noel.

C: o referido conectivo marca a oposição entre o Papai Noel que o engana, ao trazer presente diferente do que ele havia pedido, e Jesus, que, além de ser seu amigo, nada tem de enganador.

III. O autor estabelece uma oposição entre a simplicidade e a santidade dos natais de sua família e diversos episódios mundanos, os quais relaciona a Papai Noel.

E: não se pode afirmar que o autor relaciona todos os episódios a Papai Noel, apenas a leitura de um evangelho em Ax-les-Thermes.

IV. É possível inferir que, no último parágrafo, o autor se solidariza com Papai Noel, entendido como uma criação humana e, portanto, como uma figura eterna.

E: de acordo com o texto, eterno é o sonho, não as criações humanas.

6. Julgue (C ou E) os itens seguintes quanto aos aspectos morfossintáticos e semânticos do texto II.

I. No trecho “Outro dia, um amigo meu quis testar minha capacidade de crer” (7º parágrafo), é possível afirmar que as palavras “**Outro**” e “**um**” apresentam a mesma classe gramatical e desempenham a mesma função sintática.

E: apesar de desempenharem a mesma função sintática de adjunto adnominal, tem-se pronome indefinido e artigo indefinido, respectivamente.

II. Embora as expressões grifadas nos excertos “**Depois, a primeira lembrança de Papai Noel**” (3º parágrafo); “**Nossos Natais eram de reza, chocolate e bolo de mandioca**” (5º parágrafo) sejam locuções adjetivas, cada uma exerce uma função sintática diferente.

C: “**de Papai Noel**” é complemento nominal em relação ao núcleo “**lembrança**”, com o qual estabelece relação de passividade; por sua vez, “**de reza**”, que vem depois de verbo de ligação, é predicativo do sujeito; “**de mandioca**”, por fim, especifica o tipo de bolo, de modo que exerce função de adjunto adnominal.

III. O pronome destacado em “**Foi São Paulo quem inventou estar o Diabo na saia das mulheres**” (5º parágrafo) poderia ser substituído pela palavra “**que**”, sem promover alteração morfológica ou sintática.

E: a palavra “**quem**” é pronome relativo sem antecedente, conforme a página 360 do Celso Cunha, com função de sujeito. Caso fosse substituído pela palavra “que”, seria expletiva, sem função sintática.

IV. A palavra “**me**” empregada nos trechos “**Minha irmã convencera-me de que ele ia trazer um cavalo**” (3º parágrafo) e “**perguntou-me se eu acreditava que os americanos iam sair do Iraque**” (7º parágrafo) apresenta a mesma classe gramatical, mas desempenha funções sintáticas diferentes.

C: a classe gramatical da referida palavra é pronome oblíquo átono, nas duas ocorrências; a função sintática exercida, no entanto, é diferente, pois, no primeiro trecho, é de objeto direto, já, no segundo trecho, é de objeto indireto.

CONVENCER – verbo

1 t.d.bit.int. e pron. (prep.: de) levar a ou admitir (ideia ou fato), por meio de razões ou argumentos bem fundados; persuadir(-se)
<tentou aliciá-la para o partido, mas não a convenceu> <convenceu o cliente de que estava certo> <um advogado hábil quase sempre convence> <só se convencerá com provas concretas>

1.1 bit. e pron. (prep.: de); p.ext. fazer aceitar ou aceitar a realidade (de) <a reação da amiga convenceu-o de sua amizade>
<ainda luta para se c. da morte do amigo>

PERGUNTAR – verbo

5 t.i.bit. (prep.: a, por, sobre) pedir, solicitar (informação) <perguntou-lhe sua nacionalidade> <o repórter perguntou pelo fugitivo>
<perguntou sobre o paradeiro do suspeito>

7. No que diz respeito aos aspectos gramaticais e linguísticos do texto II, julgue (C ou E) os seguintes itens.

I. Faltaram duas vírgulas obrigatórias em “**Século XV e as mulheres em volta repetiam a leitura em voz alta, com grande alegria**” (5º parágrafo).

E: faltou apenas uma vírgula obrigatória antes da conjunção coordenativa aditiva “e”, a qual introduz oração com sujeito diferente do da oração anterior, já que o adjunto adverbial “**em volta**” é de pequeno corpo, de modo que o isolar por vírgulas se torna facultativo.

II. Não se pode afirmar que, em “**perguntou-me se eu acreditava que os americanos iam sair do Iraque enquanto existisse ali uma gota de petróleo**.” (7º parágrafo), a palavra “**se**” deve ser classificada como conjunção integrante, a qual introduz oração que tem função de objeto direto.

E: a conjunção “**se**” é, de fato, subordinativa integrante e introduz oração subordinada substantiva objetiva direta.

III. O trecho “**Não me recordo de Papai Noel em Pinheiro, onde nasci**” (2º parágrafo) exemplifica emprego dos mecanismos de coesão referencial denominados elipse e anáfora.

E: no referido trecho, há coesão referencial anafórica estabelecida pelo pronome relativo “**onde**” e elipse do verbo “**haver**” e do sujeito “**eu**”, que configuram exemplo de coesão sequencial.

IV. A reescrita do trecho “A Inquisição levou à fogueira muita gente desse divertimento tido como pecaminoso” (5º parágrafo) como **A Inquisição levou a fogueira a muita gente desse divertimento tido como pecaminoso** estaria correta gramaticalmente.

C: apesar de haver alteração do sentido original, o trecho reescrito estaria correto gramaticalmente.

LEVAR - verbo

1 *t.d.bit.* (prep.: a, para) transportar (seres animados ou coisas) a (determinado lugar); carregar, conduzir

«veio até cá levando uma rede nos ombros» «o ônibus levou-o à cidade» «levou a encomenda à casa do cliente»

1.1 *t.d.bit.* (prep.: a, para); *p.ext.* ser portador de, portar (algo concreto ou abstrato) para dar ou entregar a; trazer

«levava uma carta de apresentação (para o empregador)» «levou(-lhes) boas notícias dos parentes»

2 *bit.* (prep.: a, para) servir de meio de transporte de «o aqueduto levava água à cidade»

Texto III: Falavam-me de Amor

- 1 Quando um ramo de doze badaladas
- 2 se espalhava nos móveis e tu vinhas
- 3 solstício de mel pelas escadas
- 4 de um sentimento com nozes e com pinhas,

- 5 Menino eras de lenha e crepitavas
- 6 porque do fogo o nome antigo tinhas
- 7 e em sua eternidade colocavas
- 8 o que a infância pedia às andorinhas.

- 9 Depois nas folhas secas te envolvias
- 10 de trezentos e muitos lerdos dias
- 11 e eras um sol na sombra flagelado.

- 12 O fel que por nós bebes te liberta
- 13 e no manso natal que te conserta
- 14 só tu ficaste a ti acostumado.

Natália Correia*, em *O Dilúvio e a Pomba*. Editora Publicações Dom Quixote, 1979.

* Natália de Oliveira Correia (1923-1993) foi uma escritora e poeta portuguesa, nascida nos Açores. Deputada à Assembleia da República, interveio, politicamente, no âmbito da cultura e do património, na defesa dos direitos humanos e dos direitos das mulheres.

8. Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto III, julgue (C ou E) os itens a seguir.

I. É possível, por meio da interpretação do texto poético, afirmar que o amor é um sentimento revivido e intensificado pela época de Natal especialmente.

C: isso pode ser confirmado pela leitura conjuntural do poema e, principalmente, pelos versos 4 e 14. No poema, fala-se da renovação que acontece com o nascimento do menino Jesus, que personifica o amor referido no título.

II. A alusão ao amor que surge no coração dos homens, com a representação do nascimento de Jesus, feita na primeira estrofe, é reforçada pela menção a aspectos decorativos, como nozes e pinhas, e a aspectos gustativos, como o mel.

C: conforme retratado no título, na primeira e na segunda estrofes.

III. Ao fim do Natal, com a chegada do outono, é possível, com base na leitura do poema, entender um esfriamento dos sentimentos aflorados no período natalino.

E: não há referência ao outono, mas apenas menção a folhas secas, que representam o oposto do sentimento de felicidade e de acolhimento que se experimenta no Natal.

IV. O espírito do Natal é redentor, e os homens, embora não mereçam, são reabilitados, conforme o verso “e no manso natal que te conserta” (13º verso).

E: o pronome “te”, empregado no referido verso, refere-se a Jesus, e não aos homens, de modo geral.

9. Julgue (C ou E) as assertivas seguintes, quanto aos aspectos gramaticais e linguísticos do texto III.

I. No verso “o que a infância pedia às andorinhas.” (8º verso), o sufixo de diminutivo da palavra “andorinhas” foi empregado com sentido de afetividade.

E: trata-se de palavra primitiva.

ANDORINHA - substantivo feminino

lat.vulg. *harundo, inis* (Appendix Probi nº 165) por *hirundo, inis*, donde, por metat. e expansão da nasal, **andorine* que, por mudança de vogal temática, gera **andorina*, de onde procede *andorinha*

II. Em “**e eras um sol na sombra flagelado.**” (11º verso), o vocábulo “**flagelado**” deve ser classificado, morfológicamente, como um adjetivo e, porque indica estado ou condição temporária do substantivo a que se refere, exerce função sintática de adjunto adnominal.

E: justamente por indicar estado ou condição temporária do substantivo “**sol**”, tem-se predicativo do sujeito.

III. É possível afirmar que, no verso “**só tu ficaste a ti acostumado.**” (14º verso), o pronome oblíquo em destaque exerce função sintática de objeto indireto.

E: trata-se de complemento nominal, já que o pronome completa, com auxílio de preposição, o sentido do adjetivo “**acostumado**”.

IV. Para que o verso “**Depois nas folhas secas te envolvias**” (9º verso) estivesse de acordo com a norma-padrão no que se refere à pontuação, deveriam ter sido empregadas, obrigatoriamente, duas vírgulas.

E: o termo “**nas folhas secas**” exerce função de objeto indireto, de modo que o emprego de vírgulas para isolá-lo estaria incorreto.

ENVOLVER – verbo

1 t.d.bit. e pron. (prep.: em) cobrir(-se) [com invólucro]; embrulhar(-se), enrolar(-se) <envolveu o filho (na manta) >
<com frio, envolveu-se no coberto>

2 t.d.bit. e pron. (prep.: em) manter(-se) encoberto; encobrir(-se), esconder(-se), toldar(-se), dissimular(-se)
<durante todo o dia, as nuvens envolveram o sol> <envolveu sua tristeza em uma felicidade afetada> <o dia envolveu-se em trevas>

10. Em relação a aspectos linguísticos e estilísticos do texto III, julgue (C ou E) os itens que seguem.

I. Em “**e em sua eternidade colocavas / o que a infância pedia às andorinhas**” (7º e 8º versos), o pronome relativo exerce a mesma função sintática de seu referente.

C: o pronome exerce função de objeto direto, assim como seu referente, o pronome demonstrativo “**o**”, objeto direto da forma verbal “**colocavas**”.

II. O vocábulo “**só**”, presente em “**só tu ficaste a ti acostumado.**” (14º verso), deve ser classificado como advérbio de exclusão.

E: apesar do valor de exclusão, tem-se palavra denotativa, em razão de “**só**” modificar o pronome substantivo “**tu**”.

III. As formas verbais “**espalhava**” (2º verso) e “**colocavas**” (7º verso) foram formadas, praticamente, pelos mesmos morfemas, à exceção da desinência número-pessoal “**-s**”, contida no final da segunda palavra.

C: tem-se:

prefixo	radical	vogal temática	desinência modo-temporal	desinência número-pessoal
es	palh	a	va	
co	loc	a	va	s

IV. Assim como o verso “**porque do fogo o nome antigo tinhas**” (6º verso) exemplifica o uso da figura de linguagem conhecida como hipérbato, o verso “**e eras um sol na sombra flagelado**” (11º verso) contém emprego de metáfora.

C: a inversão da ordem dos termos sintáticos no primeiro verso constitui o hipérbato, e a comparação implícita entre o menino Jesus e o sol representa a metáfora.